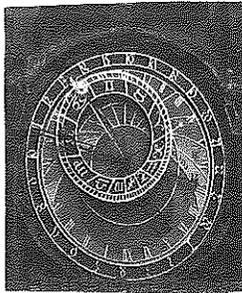


JOHN BOWKER

# MOS SENTIDOS DA MORTE



O Autor apresenta uma visão geral sobre o que as principais tradições religiosas orientais afirmam sobre a morte, invertendo radicalmente preconceitos e mal-entendidos populares. Examinando os temas do sacrifício e da amizade, presentes nas religiões, ele mostra que a morte integra a vida, que a aceitação da própria morte pode ser encarada como aceitação positiva da vida mais ampla do universo, e que tal aceitação, por sua vez, pode ser vista religiosamente como forma de sacrifício criativo em favor da vida, fazendo o indivíduo sentir-se verdadeiro "filho do universo".

## PASTORAL URBANA

Pe. Mauro Velozo Rodrigues

### 1. INTRODUÇÃO

Vivemos um momento de mudanças sociais rápidas e, por vezes, surpreendentes. Essas mudanças são cada vez mais carregadas de desafios. Parar, ou mesmo caminhar com excessiva prudência, trazem consigo o risco da superação. Podemos perder a capacidade de dialogar com o homem de hoje. Isto acontece principalmente no campo religioso. No entanto, correr demais, sem referências claras e confiáveis, também representa perigo. Na Igreja, hoje, duas dimensões precisam caminhar juntas: *memória e profecia*. Trata-se de aumentar a eficácia, sem perder a ortodoxia.

O presente artigo é uma tentativa de abrir pistas de evangelização hoje. E, ao ressaltarmos hoje, temos presente os crescentes desafios da urbanização. Vivemos num mundo cada vez mais urbano e os que ainda vivem no campo adquirirão também uma mentalidade urbana. A aldeia virou cidade.

O Evangelho surgiu e foi, inicialmente, vivido num contexto agropastoril. As pregações do Senhor remetem a trigais maduros, a figueiras brotando, a rebanhos guiados por seus pastores, a pes-

cadores recolhendo as redes. Hoje, vivemos cada vez mais envolvidos em asfaltos, chaminés e arranha-céus. O Evangelho é o mesmo, os destinatários são os mesmos. O que mudou foram as circunstâncias, o meio onde vive o homem, e isto leva a uma mudança de estratégia: "é preciso lançar as redes para o outro lado" (Mc 4,35).

A história da evangelização está cheia de mudanças. Paulo Apóstolo foi o responsável pela primeira guinada evangélica. E, através da porta aberta por Paulo, ingressaram na cristandade todas as nações pagãs. Francisco de Assis, no século XIII, com admirável intuição, também percebeu as possibilidades de uma "nova evangelização". Foi ele, por exemplo, que lançou mão da língua vernácula e dos símbolos (dos quais o mais conhecido é o presépio), para maior eficácia na pregação. Foi uma caminhada em direção ao povo.

Há cem anos, o Papa Leão XIII percebeu que existiam *coisas novas* no relacionamento humano e desencadeou, com a *Rerum Novarum*, o que se convencionou chamar de Doutrina Social da Igreja.

Hoje, outras realidades *novas* precisam ser levadas em conta no modo de explicitar os *velhos* tesouros evangélicos.

## 2. URBANIZAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO

O processo de urbanização acontecido no Brasil foi rápido e de forma desordenada. Isto aconteceu por decorrência do sistema expansionista do capital que concentrou os meios de produção, inclusive a própria agricultura. As conseqüências de todo o processo de desenvolvimento do capitalismo foram desastrosas para o meio urbano: poluição industrial e sonora, caos no transporte coletivo, exploração e especulação do solo urbano, aumento da violência e da criminalidade, insegurança, situação trágica de saúde, especulação da moradia, favelização, desemprego e tantas outras.

Segundo Herbert de Souza (Betinho), "a metrópole é o espaço de conflitos crescentes pelo trabalho, pelo acesso à moradia, saúde e segurança, bem como ao direito de cidadania em termos de maior participação da população nas esferas de decisão".

Evangelizar foi a missão de Jesus e é a razão de ser da Igreja (Cf. Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, 1987-1990, nº 2). É assim que se entende toda a caminhada pastoral da Igreja: **evangelizar**. Com isto quer-se dizer: **levar a Boa Nova** a todas as dimensões da vida e, no caso presente, a toda a realidade urbana.

Mas há um grande desafio a enfrentar: o despreparo dos evangelizadores frente à cidade, tal como ela se apresenta. Temos uma pastoral rural transferida para o contexto urbano. Grande parte dos agentes de pastoral da Igreja possuem procedência rural e muitos não conseguem se inculturar no mundo urbano. A maioria do povo das grandes cidades são pobres e excluídos.

No dizer dos Bispos em Puebla, "o compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades de Base, ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres" (Puebla 1147). Este potencial cria novos desafios para os cristãos e não-cristãos. As *coisas novas* vão provocando profundas transformações em toda a estrutura sócio-econômico-política e, em conseqüência, surgem novas relações humanas. Neste *novo criar*, o povo vai forjando uma História com outro gosto". Há aqui uma mudança de ótica para encarar o mundo, as pessoas, a evangelização e, principalmente, a própria ação da Igreja. O Concílio Vaticano II foi sensível a este *vento impetuoso* do Espírito (Cf. At 2,2) que sopra e provoca mudança.

É neste sentido que podemos dizer que surgiu um novo modelo de Igreja: a *Igreja dos pobres*. É nesse novo modelo que as CEBs

assumem vital importância e nelas se acumulam consciência histórica, conhecimento real dos fatos e criatividade teológica. Por isso, é preciso dizer que existe uma simbiose evidente: O Reino já é dado em graça, mas só acontecerá se for construído, e esta construção tem um processo histórico bem determinado, o qual exige a intervenção prática dos cristãos.

No dizer de João Paulo II "o trabalho humano é uma chave, provavelmente, a chave essencial, de toda a questão social" (LE, 3). O Papa diz também que "um princípio ensinado sempre pela Igreja é o **princípio da prioridade** do trabalho em confronto com o capital" (LE, 12). É nesse entendimento que a ação pastoral ganha uma nova forma. Os desafios nos provocam e, a nossa ação como cristãos, necessariamente, deve passar por um processo de encarnação (inculturação) profundo. As formas de exploração e espoliação do capital são moderníssimas (pós-modernas, falam alguns). É por isso que nosso elã evangelizador precisa de um novo método, um novo vigor e uma nova linguagem. Isto só acontecerá através da profunda inserção e inculturação no mundo dos pobres.

Dessa forma, preocupa-nos o problema novo e emergente da *urbanização e evangelização*. Todo o processo de urbanização ocupa profundamente os agentes de pastoral e a própria teologia, a qual procura refletir e entender a realidade. Uma questão sempre nos desafia: como interpretar, entender, avaliar e evangelizar o mundo urbano?

### 3. O MUNDO URBANO: UM DESAFIO

É preciso colocar diante dos olhos o como acontece e o que chamamos de "mundo urbano". Conhecemos as pesquisas e interpretações que tentam explicar o significado da vida urbana através do *cultural*, (as cidades como lugar de um novo estilo de vida), o *espacial* (como acento na estrutura urbana que se distribui pelo espaço, no planejamento físico), o *histórico* (distinção entre cidades da colonização e da industrialização), a *destinação* (cidades religiosas, do lazer)"<sup>1</sup>.

#### 3.1 O gigantismo urbano

Num recente encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (julho de 1988), foram

1. WANDERLEY, L. E. *Movimentos Sociais Urbanos*, In *Vida Pastoral*, Paulinas, São Paulo 1980, 15

apresentados estudos sobre o crescimento urbano no Brasil “chegando à conclusão de que o Brasil chegaria ao fim do século XX, com 190 milhões de habitantes, dos quais 160 milhões viveriam nas cidades”<sup>2</sup>. No mesmo editorial assim se lê: “Estudos recentes de urbanistas revelam que três quartos da população da América Latina estimada, para o ano 2.000, em 600 milhões de habitantes, estarão concentrados nas cidades que poderão inchar de maneira explosiva”<sup>3</sup>. Podemos dizer que “as grandes aglomerações urbanas, gigantes, do século XX não possuem mais nada daquilo que no passado chamava-se cidade”<sup>4</sup>.

A explosão urbana no Terceiro Mundo repete de maneira colossal aquela da Europa do século XIX. Caracas quintuplica sua população depois da Segunda Guerra Mundial. Em São Paulo, Lima e na cidade do México, ela triplicou. Estas cidades não conseguem acolher as massas humanas que para elas fluem. São rodeadas de imensos subúrbios, feitos de favelas. Em Lima, um terço da população vive em favelas.

Em 1970, no Rio Grande do Sul, havia seis cidades com mais de 100.000 habitantes. Em 1986, este número chegou a dezoito cidades<sup>5</sup>.

## 3.2 Desafios

### 3.2.1 Relacionamento humano

No contexto urbano, a vizinhança não é mais um imperativo de comunicação entre as pessoas, É célebre o fato citado por Harvey Cox: “uma pesquisa de opinião pública realizada por alguns pastores protestantes, numa área urbana de edifícios e apartamentos, onde tentavam estabelecer grupos para se reunirem em casa, ficaram chocados ao descobrirem que os novos moradores de quem se esperava estarem solitários e desesperados em busca de relações, não desejavam se encontrar com os vizinhos, e não demonstravam interesse algum por grupos da Igreja ou da comunidade. A princípio os pastores deploraram o que chamaram de uma “patologia social”. Mais tarde descobriram que o que encontraram era uma pura técnica de sobrevivência”<sup>6</sup>.

As relações, nas cidades, já não se fazem por vizinhanças, pois, “quando a proximidade física torna-se exagerada, a vizinhança passa mesmo a ser fator inibitivo, em prol do direito à privacidade”<sup>7</sup>. As relações das pessoas que moram em apartamentos se “baseiam na livre seleção e no interesse comum, desvinculados de proximidades espaciais”<sup>8</sup>.

### 3.2.2 Desterritorialidade

“O homem urbano é fundamentalmente desterritorializado. É assim que entende Félix Guattari ao aplicar o vocábulo a territórios etnológicos originários - corpo, clã, aldeia, culto, corporação - os quais não são mais dispostos em um ponto preciso da terra. A subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado. As pessoas não têm mais ancestrais: vieram de algum lugar sem saber porquê. Da mesma maneira, desaparecerão. Elas são números processados pela informática, que lhes determina e que lhes assinala uma residência baseada numa trajetória

sócio-profissional pré-determinada, seja na condição de explorados, assistidos ou de privilegiados”<sup>9</sup>.

A casa numerada, numa rua determinada, constante no mapa da cidade é apenas um ponto de referência noturno, porque durante o dia a vida do homem urbano é tecida, freneticamente, na fábrica, no comércio, nos bancos e nos supermercados.

### 3.2.3 Consumismo

Uma das características da cidade moderna, no dizer de Luis Carlos Susin, é “a circulação de bens de forma acelerada” e o “consumo de bens, de serviços e de facilidades em grande escala e variedades”<sup>10</sup>.

Segundo Erich Fromm, “o supérfluo se torna conveniente, o conveniente se torna necessário e o necessário se converte em indispensável na sociedade de consumo. O Homem se torna escravo das necessidades que ele mesmo cria”<sup>11</sup>. Assim, o consumo se converte em necessidade. Há uma característica sociológica que diz que 90% das pessoas que entram nos

2. Jornal *Zero Hora*, editorial (20/08/89)

3. *Ibidem*

4. HAROUEL, J. L. *História do Urbanismo*, Papirus, Campinas, 1990

5. GERHARD, V. H. *Da Migração à Pastoral Urbana*, in *Revista Renovação*, setembro/89, Poá, São Paulo

6. COX, Harvey, *Cidade do Homem*

7. *Ibidem*

8. *Ibidem*

9. GUATTARI, F. *Restauração da cidade subjetiva*, in *JB* 29/07/90

10. SUSIN, L. C. *Urbanização e Evangelização: critérios antropológicos* (mimeografado), Poá, São Paulo

11. COMAS, J. B. *Mundo de hoje e fé cristã*, Loyola, São Paulo

supermercados dispostas a não comprar nada, de fato, compram. É o impulso feito pela publicidade, pela disposição das mercadorias nas prateleiras e pelas embalagens coloridas dos produtos.

### 3.2.4 Sofrimento do povo

Diante de um sistema econômico injusto, o sofrimento do povo da cidade se manifesta:

a) **No trabalho:** O desemprego já é uma questão permanente. A discriminação da mulher no trabalho continua em grande escala. O salário sem um índice de correção justo transforma-se em fonte de debilidade e doença.

b) **Na moradia:** Não há casas para todos. Nos bairros, especialmente nas favelas, as moradias não têm sistema de esgoto, nem coleta de lixo e a água também é um grande problema.

c) **Na saúde:** A maioria do povo está se alimentando mal. A FAO divulgou que 53 milhões de pessoas vivem em situação de fome no Brasil. O cientista político Hélio Jaguaribe disse, no Rio de Janeiro, que 28 milhões de Brasileiros não chegam a passar fome, mas tem alimentação deficiente e vivem com até meio salário mínimo<sup>12</sup>.

d) **Na Família:** A família urbana sofre a desagregação. O marido e a mulher saem de manhã e retornam à noite. Os filhos são educados nas creches ou permanecem trancados em casa.

### 3.2.5 Presença de outras religiões

Constatamos que, nos últimos anos, a presença de outras religiões aumentaram sua ação no meio urbano. Para o Padre José Comblin, as mensagens religiosas “fazem das cidades imensos *shopping-centers* religiosos em que todas as religiões do mundo se oferecem ao consumidor”. E diz também que, frente a estas ofertas, “a mercadoria católica é fraca”<sup>13</sup>.

### 3.2.6 Criatividade

O mundo urbano é o lugar da criatividade, da revolução tecnológica que traz a informática e a biotecnologia como descobertas para a modernização, facilitando assim a vida do homem e da mulher. O desafio é que todos tenham acesso aos bens da modernidade. Ainda não se descobriu um método pastoral de como trabalhar o

mundo urbano. Ela vem por acréscimo, na medida em que as pessoas se sintam apreciadas e valorizadas.

### 4. A LUTA PELA VIDA NA CIDADE

A História da humanidade que teve seu início “no Jardim do Paraíso no Éden de delícias”<sup>14</sup>, vai receber sua plenitude “na nova Jerusalém, na cidade edificada por Deus; que vem do céu, não sendo obra humana”<sup>15</sup>. Assim, Deus inicia a criação num jardim, no campo, e termina sua obra dentro de uma cidade.

A cidade, conforme Comblin, “é o mundo, o *kosmos*, construído pelo homem, ou seja, a criação acabada pelo homem e terminada segundo a imagem do homem. Na cidade, o homem concentra ciência e arte. A cidade é, por excelência, obra máxima da política, pela qual os esforços humanos se submetem a uma obra comum. Ela é a objetivação da cultura e da civilização, é a riqueza comum dos homens; é o meio da liberdade, da comunhão, da comunidade. Por outro lado, constituindo o ponto de encontro dos homens, a cidade está sujeita a todas as tentações e deformações que ameaçam as re-

lações humanas. A cidade se transforma em instrumento e testemunho do orgulho, do enriquecimento, do egoísmo individualista e da volúpia da dominação. Serve para a glorificação de uma classe encarnada num mito, do qual procede um culto pagão”<sup>16</sup>.

A visão que a Bíblia tem da cidade é, em geral, negativa pelos aspectos de corrupção e pecados que a invadem. A cidade se torna, no evoluir da História, o grande centro de dominação e exploração de grupos sobre a imensa maioria: os pobres. Homens, repletos de orgulho e poder vivem, na cidade, às custas da miséria dos empobrecidos.

De forma simples e global, podemos dizer que a cidade não cumpre sua missão de ser o lugar de comunhão e participação de todo o povo. Falta *vontade política* para a construção de uma cidade que seja espaço de vida para todos. Essa vontade, em geral, está à serviço dos ídolos.

A cidade moderna ostenta os Bancos como se fossem templos, onde o *bezerro de ouro* é adorado. Ostenta também os hipermercados (onde o consumismo é exacerbado); as empresas, onde o trabalho humano é aviltado.

12. Jornal *Folha de São Paulo* (20/10/1990)

13. COMBLIN, J. *Notas a propósito da Igreja e Sociedade Urbana* (mimeografiado), 17/11/1989, Brasília

14. Gn 2,8

15. Apoc 21

16. COMBLIN, J. *Cidade, Teologia e Pastoral*

É objetivo da Pastoral Urbana reverter essa situação. Torna-se agente da construção da cidade justa e fraterna. Precisamos nos dar, pacientemente, ao trabalho do aprendizado no realizar a Pastoral Urbana para que seja capaz de atingir as raízes dos males que estrangulam a cidade. Nossa presença cristã na cidade precisa ser fermento, sal e luz, trazendo vida nova e novos caminhos de convivência humana.

##### 5. AS DUAS FACES DA CIDADE

Vemos dois aspectos na cidade: o da "intimidade" e o da "dispersão". A cidade é feita de ruas, quarteirões, becos, vilas, bairros; é a sua intimidade. É feita, também, de imensas forças que invadem e condicionam a intimidade: meios de transporte, vários níveis de educação, saúde, meios de comunicação social, mundo do trabalho. Na pastoral, precisamos dar resposta às forças que ultrapassam o nível da intimidade.

A Paróquia com sua ação missionária, catequética, litúrgica, ecumênica, de misericórdia e justiça, se encontra nesse nível. Para que exerça sua missão, a comunidade paroquial precisa viver a mística da comunhão e participação. Toda comunidade cristã deve ser

exemplar em serviços e ministérios. Nela, as pessoas aderem, segundo os dons e carismas recebidos, aos mais diversos serviços e ministérios. Como conjunto vivo de pequenas comunidades, grupos de rua, em constante busca de articulação ela deve ser verdadeira escola de formação. Na cidade moderna, o grande templo perde cada vez mais seu significado vital. É viável multiplicar *centros comunitários* e marcar presença nas casas e quintais, onde o povo possa se unir e se manifestar. As CEBs podem ter cinco funções: a função religiosa-teológica; a função política; a função da comunicação; a função financeira-administrativa; a arte de saber se coordenar a si mesma, ou seja, a função de coordenação. Para o exercício destas funções, os militantes devem ser adequadamente formados.

A pastoral urbana deve, também, atingir a cidade como um todo, em sua globalidade. A evangelização, como dizia Paulo VI, deve "chegar a atingir e como que a modificar, pela força do Evangelho, os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da Salvação"<sup>17</sup>.

##### 6. A MORADIA E OS CRISTÃOS

A moradia, como todas as realidades humanas, precisa ser entendida dentro de uma concepção escatológica do mundo. A vida humana é caminhada e peregrinação. No cristianismo, esse caráter de movimento, caminhada, provisoriedade, foi muito desenvolvido.

Na Bíblia, por um lado, há uma insistência muito forte na aspiração do povo de Deus para conquistar uma residência permanente. Mas, ao mesmo tempo, esse mesmo povo é chamado a deixar sua casa. Toda residência é provisória, e o povo de Deus é chamado a retomar seu caminho e, sempre de novo, voltar a andar.

Abraão foi obrigado a deixar a sua casa. Deus prometeu-lhe uma terra onde morar. De fato, Deus deu a seus descendentes a terra de Canaã. Mesmo assim, o povo teve que recomeçar a caminhada e voltar para o deserto por causa da diáspora.

Jesus renova as promessas de uma morada definitiva junto com Ele na casa de seu Pai, onde há muitas moradas<sup>18</sup>. Mas antes de

chegar lá, os discípulos terão que andar muito: "Caminhai enquanto tendes luz"<sup>19</sup>.

O próprio Jesus aparece como um profeta que vai andando e não pára nunca. Os Evangelhos mostram-No caminhando sem cessar. Ele próprio expressou a sua condição num dito muito radical: "As raposas tem tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça"<sup>20</sup>.

Por isso, não é de se estranhar que ele peça aos discípulos que deixem *casa, irmãos e irmãs, mãe, filhos e terras* por sua causa<sup>21</sup>. Ele não pediu nada mais do que aquilo que exigiu de si próprio.

Os primeiros cristãos foram escolhidos entre os peregrinos, entre aqueles que não têm morada permanente: os migrantes.

A primeira epístola de Pedro exalta a condição do cristão como pessoa sem residência permanente nesta terra. Não se trata de uma condição de itinerante puramente espiritual porque, de alguma maneira, já não se sentiam mais desta terra. Naquela época as cidades estavam cheias de refugiados que procediam do campo ou de regiões afastadas e não tinham o direito de cidadania<sup>22</sup>.

18. Jo 14,2

19. Jo 12,35

20. Mt 8 8,20

21. Mc 10,29

22. Cf. ELLIOTT, J. H. Um lar para quem não tem casa. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro, Paulinas São Paulo, 1985

Esses primeiros cristãos realizavam o modelo itinerante provisório e precário do viver que Jesus tinha escolhido por vocação e tinha proposto aos discípulos, impondo-o, de certo modo, também aos apóstolos.

Os escritos mais antigos mostram, como na Didaqué, que houve muitos profetas itinerantes nos primeiros tempos, sobretudo nas regiões da Palestina e da Síria. Formaram e animaram o que foi chamado de *movimento de Jesus*<sup>23</sup>.

Cada vez que se renovou, na Igreja, o espírito missionário, reapareceu o modelo de homens, percorrendo estradas e rios, cruzando montanhas e desertos à procura das ovelhas dispersas.

Houve os missionários irlandeses e ingleses que evangelizaram os povos bárbaros. Da mesma forma, os missionários franciscanos e dominicanos penetraram em todos os continentes quando os meios de viagens ainda eram muito precários.

O próprio São Francisco de Assis não aceitava que os irmãos tivessem casas. Ele viveu pelas estradas e campos, indo ao encontro das pessoas que esperavam sua palavra e, sobretudo, sua presen-

ça. Mesmo quando monges ou eremitãos construíram para si humildes casas, quiseram que fossem as mais pobres possíveis. Suas moradias eram extremamente frágeis<sup>24</sup>. Tinham moradias, mas era quase como se não as tivessem.

### 6.1 Na cidade não haverá casas para todos

Não se pode concluir, porém, que a mensagem cristã não atribui valor à moradia, procurando desestimular os cristãos que quisessem trabalhar para construir ou melhorar sua habitação. Com muito menos razão poderíamos usar o argumento da Bíblia e da história cristã para consolar os desabrigados, ou pregar a paciência e a resignação aos que não têm casa, como se essa condição fosse um bem, uma imitação de Jesus, uma melhor participação no Reino de Deus.

Com efeito, os patriarcas e profetas desde Abraão até João Batista, bem como, desde os primeiros seguidores de Jesus até São Francisco de Assis, e os apóstolos modernos dos favelados e dos sem-teto, deixam suas casas partindo para o serviço em vista da cons-

trução de uma sociedade melhor, na qual todos possam ter casa. Eles caminham em direção à terra habitável para todos. Caminham também para a cidade de Deus, onde Jesus preparou morada definitiva.

### 6.2 Moradia é direito humano

O problema da moradia nunca se colocou com tanta urgência como na época atual. A população das grandes cidades é, em sua maioria, uma população migrante. Metade da humanidade está migrando do campo para a cidade, numa única geração. Na América Latina, isso vem se tornando realidade nos últimos trinta anos. A gravidade é que as cidades não estão preparadas para receber contingente tão significativo.

Calcula-se que no Terceiro Mundo entre 70% e 95% das habitações construídas estão *fora da lei*. A ocupação ilegal de terrenos e construção sem licença mostram a gravidade do problema<sup>25</sup>.

No entanto, a moradia é um direito humano, conforme proclamou João XXIII<sup>26</sup>. A moradia é uma tarefa gigantesca. Esse direito questiona, em primeiro lugar, toda a política urbana e os princípios que constituem o modelo da sociedade contemporânea.

A Igreja deve levantar sua voz profética. Ela não terá credibilidade se os cristãos não abrirem os caminhos, começando, eles próprios, a fazer os sacrifícios necessários e a experimentar uma nova forma de convivência humana que torne possível a solução do problema urbano da moradia. Hoje em dia, para que todos tenham habitação digna, será necessário que os evangelizadores deixem sua casa e aceitem viver em condições precárias.

Medellin já tinha dito algo semelhante. Depois de Medellin, vários agentes de pastoral, mais religiosos do que religiosos e sacerdotes, deixaram condições mais confortáveis de moradia para morar no meio das massas marginalizadas e abandonadas que vivem em condições desumanas.

A mensagem cristã não despreza a moradia com se fosse uma realidade puramente material, indigna das preocupações humanas. Muito ao contrário, ela sabe quanto a moradia está ligada à vivência espiritual.

### 6.3 Construir a casa

O direito à moradia não quer dizer que todos tenham o direito de receber da sociedade, isto é, dos outros, uma moradia já feita e

23. Cf. THEISSEN, G. *Sociologia del movimiento de Jesus*, Sal Terrae, Santander, 1979

24. Cf. REGNAULT, L. *La vie quotidienne des Pères du désert en Egypte au IV e siècle*, Hachette, Paris, 1990, 53-64

25. Cf. BROWN, L. R. *L'état de la Planète*, Paris, 1992, 182

26. *Pacem in Terris*, 4

acabada. Tal direito seria uma imposição insuportável para os cidadãos. Tradicionalmente, sempre foi considerado uma honra o jovem casal construir a sua própria casa e nela habitar. Pouco a pouco, no entanto, os jovens também precisam, cada vez mais, da ajuda de toda a coletividade.

#### 6.4 Política urbana residencial

Na realidade, a construção de moradias, é um problema de modelo de sociedade. Na América Latina, de um modo geral, se faz a especulação quase sem limites de terrenos e imóveis. A valorização rápida dos terrenos e edifícios permite acumulação de capital em detrimento do bem comum.

A injustiça da política habitacional urbana clama a Deus, pois deixa milhões de famílias pobres em condições infra-humanas. O direito de propriedade é, antes de tudo, o direito de quem nada tem.

O ano de 1987 foi proclamado, pelas Nações Unidas, o *ano internacional das pessoas sem-teto*. A Santa Sé apoiou esse ano com

um documento especial da Comissão Justiça e Paz: *“Que fizeste do teu irmão sem-teto? A Igreja perante a falta de habitações”*<sup>27</sup>.

Na Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, o Papa João Paulo II evocou alguns temas desse documento. Diz o Papa: “A falta de habitação, que é um problema de *per si* muito grave, deve ser considerada como sinal e síntese de uma série de insuficiências econômicas, sociais, culturais ou simplesmente humanas e, tendo em conta a extensão do fenômeno, não deveria ser difícil convencer-mos de quanto estamos longe do autêntico desenvolvimento dos povos”<sup>28</sup>.

#### 7. PASTORAL URBANA HOJE

Falar de pastoral urbana é falar da cidade. E a cidade é um fenômeno ambíguo<sup>29</sup> desde a antiguidade. Se tomamos textos de Santo Atanásio<sup>30</sup>, podemos observar que sua própria análise da cidade é extremamente negativa, pois, em seu tempo, a cidade era símbolo da morte. Nela havia miséria, marginalização, corrupção<sup>31</sup>. Tal como

no Apocalipse<sup>32</sup>, ela é o sinal da grande meretriz que devora os seus filhos<sup>33</sup>. Com Santo Agostinho, parece haver uma avaliação mais positiva da “cidade do homem”, na medida em que ela se espelha na “cidade de Deus”, esta sim, definitiva<sup>34</sup>. Se tomarmos Santo Anselmo<sup>35</sup>, vamos encontrar uma crítica feroz à cidade, porque ela representa a quebra da ordem feudal. No entanto, é a partir dos “burgos” que se abrirá uma nova fase para a vivência da liberdade. Como podemos observar, por esses poucos exemplos, a cidade é um fenômeno ambíguo, e por isso mesmo, não se pode, simplesmente, anatematizá-la<sup>36</sup>.

#### 7.1 Pastoral Urbana e salvação

Acreditamos que a salvação acontece na história, embora a transcenda<sup>37</sup>. Assim, ao pensarmos a pastoral urbana, temos que pensar na salvação da cidade, pois, a Igreja não pode se contentar ape-

nas em dissertar sobre seus problemas. Na verdade, a Igreja está na cidade.

Mesmo levando em conta a ambiguidade da cidade, é nela que hoje se desenvolve a vida da maioria das pessoas do planeta<sup>38</sup>. Como anunciar a quem vive na cidade, a salvação? De que modo? A partir de quem? Como podemos dizer que a cidade de Deus está se revelando? Como entender suas desigualdades? Em que medida a salvação passa pelos pobres?

Para compreendermos o processo de salvação da cidade, temos que descobrir quem tem o poder de salvar, libertar e mudar. A Teologia Latino-Americana afirma que os pobres são a vanguarda dessa libertação porque eles são os protagonistas de toda transformação possível.

Aqui se enraíza a grande dificuldade da pastoral urbana, quando dá prioridade aos pobres. Como pensar a cidade a partir da maioria empobrecida? Como reforçar o modelo social que está latente nas lutas populares? Como legitimar o projeto eclesial dos pobres?

27. Comissão Justiça e Paz: *Que fizeste do teu irmão sem-teto? A Igreja perante a falta de habitações* (27 de dezembro de 1987)

28. *Sollicitudo Rei Socialis*, 17

29. CELAM, *Elementos para uma reflexión pastoral en preparación de la IV Conferência General del Episcopado Latino-americano*, Bogotá, 1990, 92

30. *Sur l'Incarnation du Verbe, Soucer Chrétennes*, Cerf, Paris, 1946, 207-317

31. LUXEMBURGO, R. *O Socialismo e as Igrejas: O comunismo dos primeiros cristãos*, Achiamé, s/d

32. Cf. Ap 18,2-3

33. Cf. Ap 17, 5-6 e Sl 137, 8-9

34. Cf. RAMOS, F.M.T. *A idéia de Estado na doutrina ético-política e Santo Agostinho*, Loyola, São Paulo, 1984, 354

35. *Cir Deus Homo*, em *Obras Completas*, BAC, Tomo I, Madrid, 1952, 742-881

36. CELAM, op. cit., 93

37. Cf. CONE, J.H. *O Deus dos Oprimidos*, Paulinas, São Paulo, 1985, 91

38. COMBLIN, J. op cit., p. 13

Estas questões serão respondidas na medida em que a Igreja assumir, de fato, a organização popular. Isso exigirá sair de uma linguagem abstrata e genérica e se colocar ao lado dos empobrecidos; se deixar conduzir pelo projeto dos pobres e pensar a pastoral da classe média a partir da luta pela justiça. Como nos afirma o documento da CNBB: "Numa cidade profundamente polarizada e dividida que mantém na marginalidade a maior parte do povo, a perspectiva prioritária da ação pastoral urbana, neste momento histórico, é a perspectiva evangélica da libertação dos pobres e oprimidos, da promoção da justiça e de condições mais humanas na periferia"<sup>39</sup>.

A pastoral urbana deve articular-se com todo o dinamismo da entrada de cristãos na luta política de libertação, no movimento popular, no movimento sindical e no partido político. É aí que se está forjando as bases de uma nova convivência social. Numa perspectiva bíblica, forja-se aí a nova humanidade dentro da velha ordem.

Esse processo requer assumir os valores e os conflitos culturais a partir da ótica dos pobres. Não compete à Igreja construir uma cidade nova, mas, ser sinal do

Reino. E, para tanto, ela deve ser fiel ao núcleo central da mensagem de Jesus que anuncia a revelação aos pobres: "Pai, eu te agradeço, porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos, porque assim foi do teu agrado"<sup>40</sup>.

Se não compete à Igreja, como instituição, construir a cidade ou oferecer um modelo social, qual a contribuição dos cristãos? Em outras palavras, qual a contribuição que o cristianismo pode oferecer à cidade? Certamente não uma doutrina. Muito menos um modelo social ou uma filosofia. O que o cristianismo tem a oferecer é a vida dos homens e mulheres que vivem em comunidades. "A contribuição do cristianismo são as comunidades cristãs espalhadas pelo mundo. Essas comunidades são Jesus Cristo"<sup>41</sup>. Seu agir é a evangelização.

Hoje, na América Latina, o processo da nova evangelização toma corpo nas CEBs. Elas são presença ativa e operante de Jesus na história, através do Espírito do Ressuscitado. São, na verdade, a melhor pregação de Jesus por sua prática conseqüente e operante. Elas são, também, a concreção das "comunidades maduras" de que fala o

Papa João Paulo II, em sua exortação apostólica *Chistifideles Laici*. É por elas que Jesus continua falando às pessoas: "Escancarar as portas à Cristo, acolhê-lo no espaço da própria humanidade, não é, de modo algum, ameaça para o homem, mas, antes, é a única estrada a percorrer, se quisermos reconhecer o homem na sua verdade total e exaltá-lo nos seus valores"<sup>42</sup>. Essa se torna também a melhor pregação sobre Deus: a construção de uma sociedade justa e fraterna. Pois, como diz Paulo VI: "Para conhecer a Deus é necessário conhecer o homem"<sup>43</sup>. São as CEBs que mantêm vivo o Cristo e é o próprio Cristo que mantém o povo vivo. É pela prática das comunidades que os cristãos contribuem para a salvação da cidade e para revelar o Ser de Deus<sup>44</sup>.

### 7.2 Pastoral Urbana e reflexão teológica

É recente a preocupação da teologia em refletir a cidade e o comportamento dos cristãos. Na verdade, o fenômeno urbano, ficou

ausente da reflexão teológica cristã<sup>45</sup>. Hoje, "a pastoral urbana exige o aprofundamento da reflexão teológica sobre a conexão entre evangelização e libertação, entre missão da Igreja e transformação do mundo"<sup>46</sup>. Em outras palavras, temos que encarar teologicamente os conflitos de classes e as desigualdades presentes na vida da cidade.

Tal postura nos levará a compreender a prática de Jesus Cristo e a prática dos cristãos num mundo conflitivo. Teremos que pregar o Jesus das Bem-Aventuranças, mas também o Jesus das maldições<sup>47</sup>. Teremos de conviver com a conflitividade histórica vivida por Jesus e com a convivência dos cristãos nos conflitos da cidade. Tal articulação entre evangelização e libertação, já tratada pelo Papa Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, ganha força na teologia, na medida em que esta assume a modernidade e procura compreender o anúncio de Jesus Cristo no interior das tensões sociais, provenientes dos conflitos de classe.

39. CNBB, op cit., p. 25

40. Mt 11,25-26

41. COMBLIN, J. *Antropologia Cristã*, Vozes, Petrópolis, 1985, 17

42. *Vocação e Missão dos leigos na Igreja e no mundo*, 34

43. MEDELLIN, *Conclusões*, 1

44. J.L.- *A nossa idéia de Deus*, Loyola, São Paulo 1977, 9

45. Cf. COMBLIN, J. *Théologie de la Ville*, op cit., 20-21

46. CNBB, Doc. 22, nº 2.8a, 34

47. Cf. SOBRINHO, J., *Cristologia a partir da América Latina*, Vozes, Petrópolis, 1983, 14-15

Ao assumir a modernidade, a teologia penetra o mundo do trabalho, onde as contradições de classe são mais palpáveis. Critica a visão harmônica da sociedade, veiculada por uma teologia feita a partir do poder. Revela a violência estrutural sofrida pelos pobres. Articula a luta dos trabalhadores por melhores salários, pela terra, pelo direito ao trabalho para todos, pela redução da jornada de trabalho, com a fé. Mostra que os pobres têm força para mudar a sociedade. E, a partir dessa prática dos pobres, coloca novas questões aos cristãos: como viver a fé no meio dos conflitos? Como celebrar a fé no meio das desigualdades da cidade? Como transmitir a fé sem que ela se torne a legitimadora de uma sociedade dividida em classes?

Aí está a novidade da Teologia Latino Americana: romper com a classe dominante. “Desde o momento que a teologia faz a opção pelos pobres, fica claro que ela abandona o projeto de fornecer a uma sociedade a ideologia que vai orientar a sua classe dominante”<sup>48</sup>. A teologia relança a novidade e discerne os conflitos, provocando a participação do povo na construção de uma nova humanidade.

Desse modo, a teologia não se preocupa com a salvação do homem abstrato, mas, do homem

concretamente situado. E, é a partir dos excluídos, que a teologia relança a possibilidade de um novo ordenamento social.

Quando falamos da opção pelos pobres, levando em consideração toda a caminhada da Igreja desde o Vaticano II, passando por Medellín e Puebla, notamos grandes desafios à ação pastoral da Igreja. Como encarar a emergência dos pobres do Terceiro Mundo? Como superar o racismo? O machismo? Como respeitar as culturas na missão evangelizadora sem cair numa *nova cristandade*?

A presença dos pobres na Igreja tem marcado a sua trajetória nessas últimas décadas, sobretudo na América Latina, com fundamento nos documentos do magistério universal, a partir do Papa João XXIII. Como ele próprio afirmava em 1959: “A Igreja sempre foi a Igreja de todos, mas, ultimamente, ela quer ser, sobretudo, a Igreja dos pobres! O Papa João Paulo II entra também nessa tradição ao falar da solidariedade para com os trabalhadores explorados e vítimas da miséria e da fome: “A Igreja acha-se vivamente empenhada nesta causa, porque a considera como sua missão, seu serviço e como uma comprovação de sua fidelidade a Cristo, para assim ser verdadeiramente a Igreja dos pobres”<sup>49</sup>.

### 7.3 As CEBs como Igreja

Falar, hoje, das “CEBs como um novo modo de toda a Igreja ser” é um grande desafio para a pastoral da cidade. Isto significa pensar toda a Igreja a partir dos pobres. Tomar a Igreja-rede-de-comunidades como modelo hegemônico. Sabemos que ainda não é assim. Mas deve ficar claro sua legitimidade, pois, como afirma Leonardo Boff: “É por este modelo que os pobres e marginalizados se sentem Igreja”<sup>50</sup>.

Tentar deslegitimar tal modelo é impedir que os pobres tenham acesso aos meios de salvação. Além disso, seria ir contra um dos sinais mais vibrantes do Evangelho: os pobres são os primeiros destinatários da Boa Nova do Reino<sup>51</sup>.

Com sua prática popular, as CEBs retomam os valores fundamentais do Reino e da prática histórica de Jesus de Nazaré. As CEBs procuram implementar a partilha, a não-dominação e o respeito pelos outros. Há uma forte experiência, nas CEBs, de participação democrática e, cada dia mais, elas se abrem para o ecumenismo. Na verdade, as CEBs são uma pregação viva de Jesus Cristo. Elas são uma das grandes contribuições

que o cristianismo pode dar à sociedade, na medida em que resgatam os valores evangélicos, popularmente vividos. Ajudam a dar sentido às vitórias e à organização do povo.

Sabemos que as CEBs são ainda minoria. A grande massa tem medo do compromisso. A espiritualidade da libertação vai se tornando a grande reativadora dos valores escondidos no meio popular. É o Espírito do Ressuscitado que está, par e passo, fermentando a massa, para que ela se torne a propulsora do projeto libertador. Ninguém conseguirá matar este sopro do Espírito, que vai fazendo seu caminho entre *luzes e sombras*. Esta mística está alicerçada na vida dos pobres e no sangue dos mártires. Ela sonha alto, pois seu sonho é em mutirão. Pensa alto, pois seu horizonte é o Reino.

Não se funda a *nova cidade*, a *civilização do amor*, se não houver respeito aos valores culturais. A inculturação é, hoje, o grande desafio da evangelização, sobretudo, na cidade. As CEBs estão fazendo tal caminho. Estão se exercitando, também, na convivência com outras crenças religiosas: se abrem para a convivência com os não cristãos que lutam pela justiça<sup>52</sup>. Essas experiências podem ter

48. COMBLIN, J. *Antropologia cristã*, op cit., 16

49. *Laborem Exercens*, 8

50. *CEBs: que significa o novo modo de ser Igreja*, Vozes, Petrópolis, 575

51. Cf. Lc 4,14-30; Mt 11,2-6.25-26.

52. Cf. LG 9

futuro, pois estão fincadas na base, no meio do povo das periferias urbanas, onde o que conta é a luta pela vida.

É preciso ter um olhar de globalidade para além do nosso quintal. Pensar a cidade e perceber onde é que o Espírito está falando. Além disso, é preciso ter maturidade. Saber enfrentar e trabalhar os conflitos que sempre existiram, existem e vão existir no interior da Igreja e da sociedade.

### Conclusão

A "Igreja dos pobres" é certamente uma Igreja inculturada e historicamente situada. Não quer ser a única ou definitiva forma da Igreja ser. Esta forma, ainda adolente, certamente levará muito

tempo para chegar à sua maturidade. É ingenuidade sociológica pensar que uma Igreja fundada na comunhão e participação possa coexistir com um mundo dominado pelo totalitarismo do mercado e pela opressão que cria desigualdades entre os povos. Provavelmente, só num mundo realmente democrático, participativo e igualitário, poderemos ver realizado o sonho de uma Igreja católica fundada sobre a comunidade, a partilha, e, portanto, a comunhão de irmãos e irmãs.

Pe. Mauro Velozo Rodrigues é Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção  
Endereço: Caixa Postal 1027  
84001-970 - Ponta Grossa, PR.

## BLOCO III

HISTÓRIA DA IGREJA

### CRIANÇAS E JESUÍTAS NOS PRIMEIROS ANOS DA EVANGELIZAÇÃO DO BRASIL\*

*Fernando Torres Londoño*

Entre as muitas atividades dos missionários jesuítas no século XVI, destaca-se a importância que lhe foi conferida à presença da criança. As escolas e colégios jesuítas e as atividades de missionários como o Padre José de Anchieta são os aspectos mais conhecidos. Neste século, o Padre Serafim Leite nos seus muitos e eruditos trabalhos encarregou-se de reconstituir as ações educativas e catequéticas destes primeiros missionários<sup>1</sup>. Utilizou para esse objetivo a vasta correspondência jesuítica que ele mesmo se encarregou de recolher por diversos arquivos e editou em

várias coleções<sup>2</sup>. Assim, nas Cartas dos primeiros anos é notória a menção das crianças como alvo da catequese e, ao mesmo tempo, como agentes da própria evangelização.

A importância que atualmente concedemos à criança e a preocupação que a Igreja tem em discutir o passado e o presente da evangelização, permitem-nos voltar a considerar o sentido missionário destes dois aspectos. Recorremos para isto as Cartas publicadas pelo Padre Leite.

Concebidos pelo seu fundador para atuar na dispersão da missão, que em pouco tempo os espalhou

\*As origens destas páginas remetem a uma apresentação no simpósio da CEHILA-Brasil junto com a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção em 1989, sobre os 500 anos da evangelização. Posteriormente voltou-se à documentação jesuítica e atualmente o autor desenvolve pesquisa sobre a catequese missionária nos séculos XVI e XVII. O presente texto e um resumo de um trabalho mais extenso ainda inédito.

1. LEITE, S., *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, Portugal, 1943.  
2. LEITE S., *Cartas dos jesuítas do Brasil*, São Paulo, comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1956.